

Turismo Macabro: Conhecer para Entender; Entender para (Des)construir

Jaqueline de Oliveira Monteiro¹

Erly Maria de Carvalho e Silva²

Jéssica de Oliveira Monteiro³

Resumo

O universo do turismo está em constante expansão. Novos segmentos procuram se estruturar e se firmar como possibilidade atraente e viabilidade econômica. O produto turístico diversificado transformou o turista padronizado pelo modernismo, em um singular consumidor, o pós-turista, que anseia por desbravar novos horizontes à procura do exotismo. Dentre essas inusitadas veredas, ganha evidência um tipo de turismo que reúne desde palcos de tragédias, como campo de concentração na Alemanha, tsunamis na Ásia, furacão Katrina em Nova Orleães, campos de batalhas sangrentas, até catástrofes humanas, cemitérios e museus que possibilitam ao visitante vivenciar o sofrimento alheio. Como em qualquer outro segmento do turismo é preciso conhecer sua composição, necessidades e perspectivas para que sua prática gere satisfação ao visitante e promova desenvolvimento econômico sustentável ao seu entorno. Assim, o segmento do turismo macabro ainda está à procura de uma identidade e de uma categorização.

Palavras-chave: Turismo macabro. Turismo sinistro. Turismo de aflição.

¹ Pós-graduanda em Gestão Patrimonial e Ambiental em Turismo pelo Cefet. Bacharel em Turismo pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: jackmonteiro28@yahoo.com.br

² Mestre em Educação pela State University of New York at Buffalo e professora do Curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense. E-mail: erlymar@uol.com.br

³ Pós-graduanda em Gestão Patrimonial e Ambiental em Turismo pelo Cefet. Bacharel em Turismo pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: jessica.o.monteiro@hotmail.com

Introdução

Nas sociedades contemporâneas a indústria do turismo vem se destacando com expressividade na economia mundial. Como toda atividade que se sobressai e que possui representatividade na geração de riquezas vai se tornando cada vez mais complexa, intrincada e segmentada.

Nessa amplitude de segmentos, ganha evidência um tipo de turismo que reúne desde palcos de tragédias, como por exemplo, campo de concentração na Alemanha, furacão Katrina em Nova Orleães, campos de batalhas sangrentas, até catástrofes humanas, cemitérios e museus que possibilitam ao visitante vivenciar o sofrimento alheio.

Esse segmento ainda não bem delimitado recebe nomes diversos como “dark tourism”, turismo sinistro, turismo macabro, turismo de horror, turismo de aflição, dentre outros.

Seja qual for a terminologia adotada, esse segmento recente, fruto da pós-modernidade e do pós-turismo, possui relevância para a atividade que busca conhecer suas nuances e assim traçar o perfil desse público novo, suas necessidades e preferências. Identificar as características e o poder motivacional desse nicho será o diferencial para analisar o comportamento desse turista e assim conhecer medidas para seu desenvolvimento, visando ao crescimento do setor, a preservação da história e ao incremento da atividade.

Como em qualquer outro segmento do turismo é preciso conhecer sua composição, necessidades e perspectivas para que sua prática gere satisfação para o visitante e ao mesmo tempo promova desenvolvimento econômico sustentável para a localidade que o abriga.

O Horizonte Sombrio (ou Macabro) do Turismo

As pessoas, via de regra, deixam-se fascinar pelos espetáculos da morte e dos desastres. Essa fascinação chegou até o mundo do turismo por meio de atrativos tão diversos como campos de concentração, prisões, cemitérios, memoriais, museus,

exposições macabras e locais de tragédias como o Ponto Zero, em Nova Iorque ou a cidade de Nova Orleans, após a passagem do furacão Katrina.

Antecedendo a terminologia atual “turismo macabro”, o fenômeno surgiu pela especulação de uma massa expressiva, fascinada pelo contexto mórbido de tragédias e catástrofes. Esse tipo de turismo tem uma longa história e tem sido descrito como uma tradição thanatológica que remonta as visitas de cenários de batalhas como a de Waterloo ou as ruínas de desastres naturais como as de Pompéia.

O que parece ser uma crescente curiosidade mórbida não é fato recente. No começo do século XI, as pessoas já se deslocavam para lugares como Jerusalém para visitar o local da crucificação de Cristo (DALE; ROBISON, 2008).

Alguns exemplos citados por Stone (2006) revelam atrações macabras que eram admiradas pelos precursores do *Dark Tourism*. Os jogos realizados por gladiadores no Coliseu eram comemorados por uma multidão que vibrava com a morte de um competidor. As execuções feitas em praças, além de serem aplicadas como forma de castigo e lembrete, serviam de espetáculo público.

A busca por tais lugares alavancou o crescimento de uma nova segmentação, no sentido de reafirmar e diversificar produtos referentes a esse tema. A morte real ou recriada tornou-se preponderante, servindo como influenciadora na motivação do turista que escolhe conhecer destinos mórbidos. Essa mudança de comportamento desvela esse segmento que era considerado como o lado sujo da atividade turística, porém tornou-se apreciado em relação aos outros segmentos.

Não há acordo entre os estudiosos do tema a respeito da designação a ser adotada para o fenômeno do turismo macabro. Termos como “dark tourism”, turismo sombrio, turismo de horror, turismo de aflição, thanatoturismo, turismo de necrofilia são alguns dos utilizados por diferentes autores, com nuances específicas.

O termo turismo macabro foi introduzido por dois estudiosos do assunto, Malcolm J. Foley e John Lennon (2000), para classificar viajantes que apreciavam atrações ou destinos envolvidos com a morte real ou fictícia.

Para Foley e Lennon (2000), existem especificidades no emprego do termo, ou seja, não é considerado turismo macabro se as visitas aos locais de horror forem realizadas por parentes e/ou amigos das vítimas. Em contrapartida, pessoas que se deslocam sem

vínculo com as vítimas de forma casual, com o propósito de desvendar o lado sombrio apropriam-se desse conceito.

Outra designação apontada por Seaton *apud* Stone (1996) é a thanatologia que tem como objetivo a contemplação da morte. Refere-se ao deslocamento de um indivíduo ou coletivo a um local, motivado total ou parcialmente para interagir com formas reais ou recriadas da morte em vários graus.

O prazer revelado nos cemitérios, por exemplo, está em observar lápides, imagens, epitáfios, entre outros, interpretando assim todo o conjunto arquitetônico. Alguns museus chamados de mórbidos, também concentram em seus espaços, materiais que direcionem os visitantes a vivenciarem um contexto histórico de forma jocosa com simulação de períodos históricos de batalhas que remetam à morte, utilizando reencenações dessas lutas.

O turismo macabro possui graus que diferenciam sua categorização. Com isso existem distinções entre o turismo considerado escuro e o turismo sombrio. Essa diferença é observada em locais que interpretam a morte e em locais que vivenciam a morte. Assim, a experiência é mais tenebrosa quando há uma real identificação com o fato, como acontece no campo de concentração Auschwitz – Birkenau, em que a morte é relatada com toda a sua morbidez. Isso propicia ao visitante vivenciar toda a trajetória de horror ocorrida no campo de concentração de forma mais autêntica.

Como se pode perceber, esse horizonte do turismo não é de fácil conceituação ou classificação, uma vez que abriga atrativos de múltipla natureza e atrai visitantes com diferentes motivações.

De acordo com os objetivos deste estudo são adotados e tidos como equivalentes os termos “turismo macabro” e “turismo sinistro” para tratar desse segmento.

Atrativos do Turismo Macabro

Na atualidade existem diversos subconjuntos dentro desse universo sombrio. Alguns destinos de morte e sofrimento encontram-se relacionados à guerra, cemitérios, morte de celebridades, holocausto entre outras ofertas bizarras.

No estudo dessa temática percebe-se a grande diversidade de opções referentes a essa nova possibilidade de turismo. Por consequência, há necessidade de inventariar os segmentos relacionados a esse nicho e classificá-los de modo a conhecer sua tipologia e seus limites. Dentro dessa diversidade mórbida, citam-se alguns exemplos de atrativos mórbidos.

Exposições: Seu enfoque está ligado diretamente ao entretenimento comercial ou educacional. Os turistas desse segmento visitam locais cuja morte pode estar representada de forma real ou recriada. Possuem uma ampla infra-estrutura para atender de forma adequada os visitantes. Sua categoria está na forma mais branda do turismo macabro, sendo representados como menos autênticos. Exemplos desse gênero podem ser encontrados no Dungeon, em Londres, que utiliza fotos, retratando um passado mórbido como a peste negra ou as aventuras do Conde Drácula.

Outra exposição bastante apreciada é chamada “Body Worlds” que exhibe cadáveres preservados por uma técnica chamada de plastinação. A exposição leva o pretexto de educação para saúde, com informações de anatomia e fisiologia.

A Morte Retratada em Igrejas, Cemitérios, Santuários e Eventos: A morte é representada com variâncias na história da humanidade. No texto bíblico, no capítulo de Gênesis, a morte é figurada com a expulsão de Adão e Eva do paraíso pelo pecado, sendo condenados a viver como meros mortais, desprovidos assim da vida eterna. Na Grécia, a palavra é idealizada pelo Deus Thanatus, que representa de forma simbólica a pulsão da morte, interagindo erotismo e idealismo com Eros, representado como a pulsão da vida.

A morte é encarada por muitos como sendo um assunto a ser esquecido e somente abordado em ocasiões de uma perda física de um ente querido. Contudo, em algumas culturas é interpretada e vivenciada de maneira natural, sendo comemorada com rituais, que podem perdurar por dias como em certas tribos indígenas. Um exemplo dessa abordagem é na cidade do México em que se reverencia, mediante seus costumes e ritos, essa passagem.

Assim, a morte é um tema extremamente polêmico que divide opiniões, ocasiona aversão, mas principalmente traz fascínio para grande maioria que busca respostas para compreender no processo da morte o significado da vida.

O Ossuário de Sedlec: Situado na República Tcheca é uma capela cristã ornamentada com ossos humanos que foi construída no século XIV em estilo gótico francês. Em 1278 o superior do mosteiro trouxe uma quantidade de terras do calvário, local onde Jesus foi crucificado, adicionando-a ao cemitério. Muitos acreditavam que por esse ato, as terras fossem consideradas santas, fazendo com que a nobreza pleiteasse ser enterrada nesse ambiente. No século XIV mais de 30 mil pessoas foram mortas em consequência da peste, sendo enterradas em valas rasas no cemitério. Parte do cemitério foi destruído por guerras que ocorreram no local o que culminou na retirada dos ossos e no seu armazenamento na capela. Assim, as peças começaram a compor os adereços da igreja com candelabros, lustres, pias batismais, entre outras que impressionam pela precisão e riqueza de detalhes de forma assombrosa (INTERATA, 2008).

Uma frase de Interata (2008) desperta a atenção e enfatiza a ausência de distinção de classes após a morte: "Todos são iguais após a morte, portanto aqui serão usados ossos de ricos e pobres sem distinção".

Cemitérios: O cemitério da Recoleta é um importante atrativo na cidade de Buenos Aires, na Argentina. O diferencial desse cemitério é a forma em que os mortos são sepultados dentro dos mausoléus. O caixão não é enterrado e fica em destaque para apreciação do público. Depois de certo tempo, esses restos mortais são transferidos para caixas menores e dispostos novamente para que sejam visualizados. O cemitério abriga formas diversas de obras de arte, estimulando a visita de inúmeras pessoas que vêem o local como um museu a céu aberto. Os jardins que rodeiam o cemitério também são aproveitados pela maioria dos seus moradores para a prática de lazer.

A necrópole da Recoleta é evidenciada pelo sepultamento de inúmeras celebridades, dentre elas se destacam o túmulo de Evita Perón e os de presidentes do país como Carlos Pellegrini (CEMITÉRIO DA, 2008).

Outro cemitério que atrai turista é o Père Lachaise, maior cemitério de Paris e um dos mais expressivos do mundo. De estilo neoclássico foi criado em 1803, pelo arquiteto Alexandre Théodore Brongniart (CEMITÉRIO, 2008).

No Brasil destacam-se como locais de visita os cemitérios São João Batista, no Rio de Janeiro e da Consolação, em São Paulo.

Santuários Macabros: Os santuários macabros são locais que remetem à lembrança de mortes recentes como ato comercial. São construídos próximos aos locais das tragédias e em um espaço curto de tempo em relação ao ocorrido. Muitos desses santuários não foram criados propositalmente para a atividade turística, por isso possuem pouca infra-estrutura no local. Dessa forma, esses espaços são criados por uma demonstração de comoção coletiva, transformando o local em uma massa de homenagens florais como forma de respeito às vítimas.

A morte da Princesa Diana, em 1997, transformou o entorno dos portões do antigo estabelecimento da princesa, Palácio de Kensington, em um santuário reverenciado por milhões de pessoas (DEZ, 2008).

Eventos: O Dia dos Mortos é uma celebração realizada no México tendo sua origem na cultura indígena de forma a reverenciar seus antepassados. É comemorado no início de novembro, coincidindo com as festividades católicas de todos os Santos e Dia dos Fiéis Defuntos.

Na atualidade, as festividades reúnem vivos e mortos em uma alegre confraternização, vinculados a muita música, comida, luz e cores. Rico por sua diversidade cultural, o evento foi inserido na lista de Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco.

Esse evento no México denota a significância cultural de sua população que vê nessa manifestação popular o fortalecimento de sua identidade. Na descrição de Silva (2005):

Todos participam dos festejos e com isso alimentam o ciclo infindo contido no ato da memória, porque todos, cedo ou tarde, estarão permutando os lugares e ocupando novas posições nesse vertiginoso e cálido jogo de vida e morte. Os mortos são raiz, seiva, terra e cosmos. A relação com eles é um ato de memória, uma memória coletiva. Por isso, uma frase que escutamos muito freqüentemente, nesses dias é: não se deve deixar morrer os nossos mortos, pois cada um é a somatória de seus mortos, que só existem se são lembrados pelos vivos.

Ao tratar a morte com naturalidade, os mexicanos conseguem sobreviver e a conviver com o medo de enfrentá-la algum dia. Crianças são incentivadas a participar da temática, comendo doces com figuras representando a morte. Assim, a continuidade mítica é ritualizada como se a vida nascesse da morte, contextualizada no passado e completada no presente.

Campos de Concentração: Na concepção de Panosso Netto e Ansarah (2009), as marcas das perseguições e de extermínio aos judeus e minorias podem ser vistas nos memoriais que retratam esse sombrio passado de guerra. Suas lembranças são evidenciadas em museus, cemitérios e até bairros inteiros que reverenciam à memória do Holocausto.

Na Europa Ocidental, os campos de concentração criados no período da Segunda Guerra Mundial, em destaque na Alemanha e Polônia, eram utilizados como campos de extermínio, campos de trabalhos forçados e campos de trânsito. Como exemplo, pode-se citar Dachau, na Alemanha, que foi classificado como campo de trabalho forçado, com utilização da mão-de-obra de prisioneiros judeus, homossexuais, comunistas, entre outros.

Bergen-Belsen é um campo de trânsito que abrigou Anne Frank, personagem ilustre, que revelou ao mundo através de seu diário, a atrocidade vivida por ela e seus familiares durante a Segunda Guerra Mundial. Anne, por seu ato de coragem, tornou-se símbolo do sofrimento de milhões de crianças judias.

Na Polônia foram implantados os campos de extermínio, conhecidos como complexo Auschwitz-Birkenau, o maior campo da Europa, possuindo estruturas específicas como as câmaras de gás e os crematórios. Nesses locais mais de 12 mil pessoas chegaram a ser executadas no período do nazismo.

No contexto atual, o cenário de horror é repassado por meio de um documentário, sintetizando as atrocidades executadas no campo para os visitantes desse atrativo.

Paulo Franke ⁴, um visitante dos locais de holocausto, menciona em seu blog:

Logo à entrada do campo de Auschwitz depara o visitante com a irônica inscrição em ferro: "Arbeit macht frei" (O trabalho liberta) e visitando os diversos prédios de dois andares pode-se ver, através de gigantescas vitrinas, exposições de malas portando ainda os nomes de seus donos, de roupas, de sapatos (uma somente de sapatos de criança), de óculos, de escovas, de cabelos (há uma amostra do tecido feito de cabelos) e, além de outras ainda, a dos chalés de oração de judeus, o que me emocionou e fez-me pegar a máquina fotográfica.

4

Paulo

Frank,

2006.

Disponível:

http://paulofranke.blogspot.com/2006_08_01_archive.html. Acesso em: 29 nov. 2008.

O relato de um visitante retrata o lado mórbido do campo de concentração como um produto turístico sombrio.

É preciso salientar que o holocausto ou turismo de holocausto tem sido rotulado como entretenimento de forma inadequada, pois não leva em consideração a essência histórica das atrocidades cometidas contra o povo judeu. Mesmo assim, esse nicho vem crescendo dentro do espectro macabro de forma institucionalizada, deixando distorcido o contexto histórico doloroso desses locais.

Locais de Catástrofes Naturais: O episódio trágico que ocorreu em Nova Orleans, Estados Unidos, ocasionado pelo furacão Katrina, provocou uma catástrofe de proporções incalculáveis no contexto da cidade. Por negligência das autoridades, alguns diques que controlavam a quantidade de água do lago Pontchartrain, não conseguiram suportar a tempestade tropical, deixando 80% das casas inundadas e milhares de vítimas (ZONA DEVASTADA, 2008).

O rastro de atrocidade causado pelo furacão é exposto aos turistas que visitam o lugar e desejam observar a destruição de perto. Chamado “Katrina Tours”, o destino ficou conhecido, ofuscando assim outros atrativos locais e a simbologia da cidade que era considerada berço do jazz. Casas abandonadas, ruas fantasmas, alicerces à mostra, são atrativos exibidos aos turistas pelos agentes de viagens.

Na afirmação de uma agente de viagem (BBCBrasil, 2007):⁵

No ano passado, 73% dos pacotes que eu vendi foram para as áreas devastadas pelo Katrina. Comecei a levar turistas para essas partes da cidade ainda em setembro de 2005, um mês depois do furacão. Eu não queria, mas 99% das pessoas querem ver a destruição de perto. É a natureza humana. As pessoas gostam de ver desastres.

Na maioria, os visitantes que chegam ao local querem interagir com a destruição ao extremo, isso faz com que haja divergências de opiniões entre moradores a respeito do

⁵ BBC Brasil. com . Disponível em:
http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/08/070827_katrinatours_bgpu.shtml.
Acesso em: 27 ago. 2007.

que é permitido ou proibido pela ética humana, ou seja, o *City Tour* pode ser tido como um veículo invasor ou não da tragédia alheia.

Segmento do Turismo Macabro no Brasil

No Brasil, o turismo macabro vem se desenvolvendo de forma sutil em relação aos outros segmentos da atividade. Desse modo, um nicho do turismo macabro propenso a ser desvelado no país é o *city tour* em cemitérios. Considerados obras de arte a céu aberto devido a sua riqueza artística, os cemitérios são conhecidos também como arte tumular, pois por meio de seus monumentos perpetuam a memória de um indivíduo. Homenagear um ente querido é tornar público algo de sua personalidade para que não seja esquecida pelo tempo.

Assim, a expressão artística desempenha um papel de diferenciador da arquitetura mortuária. Essa “personalização” transformou-se em um processo ostentatório, cujas diferenças da arte tumular, tornam-se discrepantes em detrimento da classe social.

No Egito antigo, a representação da morte era de suma importância para que o morto pudesse alcançar outra vida de forma confortável. Demonstrar a riqueza era primordial para esse processo. Assim, as pirâmides foram erguidas, traçando a expressão funerária real dos faraós. Roma designou como necrópole sua arquitetura mortuária. No ano de 353 a.C. surge o Mausoléu, nome fornecido aos suntuosos monumentos funerários (MARTINS, 2006).

Para Martins (2006, p. 128) “As interpretações na arquitetura se dão por vários vieses e estes, conseqüentemente, convergem também para a interpretação da arquitetura mortuária. Pode-se realizar uma interpretação política, filosófico-religiosa, científica, econômico-social, materialista, técnica, fisiopsicológica, formalista e espacial”.

Diversos estilos são incorporados à arte tumular como templo dórico na arte grega; abóbada, arcos e cúpula na arte romana; vitrais no gótico; mesclas de concreto, vidro, armações de ferro na arquitetura moderna, dentre outros.

Rojeck (1993) foi um dos inovadores desse turismo focado para o lado comercial, como os cemitérios chamados de “locais de nostalgia”, sepultamento de famosos e locais de catástrofes, que mais tarde passaram a ser conhecidos como lugar de sensação. Esses

através são citados como espetáculos pós-modernos que necessitam de tecnologia para a sua constante recriação para não perecerem.

Na cidade do Rio de Janeiro, o cemitério São João Batista mesmo com sua arte tumular expressiva, não contabiliza altas taxas de visitação se comparado aos principais cemitérios do mundo como o da Recoleta e Père Lachaise. Por não ser um produto habitual, recebe aproximadamente 72 mil pessoas, o que aumenta consideravelmente essa porcentagem no período de finados. Mesmo assim, ainda se encontra em um processo embrionário se cotejado ao cemitério Lachaise que recebe um milhão de visitas anuais (PIMENTA, 2008).

O cemitério São João Batista foi implantado pela Santa Casa de Misericórdia, possuindo atualmente cerca de 40 mil jazigos. Dentre esses, repousam diversas celebridades com túmulos rebuscados como Carmem Miranda, Santos Dumont, imortais da academia de letras, presidentes da república, entre outros ilustres. (PIMENTA, 2008).

Diversos túmulos retratam exemplos de arte sacra como trabalhos esculpidos em mármore, bronze e granito que ostentam as quadras dos mais abastados. Na principal avenida, rotulada de Vieira Souto, são encontradas obras de artes de diversos artistas como Rodolfo Bernadelli e Heitor Usai (PIMENTA, 2008).

Assim, percorrer as quadras do cemitério São João Batista é interagir passado e presente de forma não conflituosa, mas de maneira a harmonizar a história, propiciando ao indivíduo a contemplação de signos que fazem parte da interpretação do patrimônio histórico-cultural de uma sociedade.

Mesmo com o seu relevante potencial turístico direcionado para a arte tumular o cemitério não possui um roteiro definido para a visitação de maneira a atender a esse público apreciador desse segmento.

Dentro dessa vertente cemiterial, a cidade de São Paulo abriga também uma opção diferente que vem atraindo adeptos para realizarem o roteiro do medo, conhecido como circuito do outro mundo: “São Paulo Além dos Túmulos”. O objetivo desse circuito é contar a história da cidade de São Paulo por uma ótica diferenciada.

O roteiro incorpora a temática mórbida, cujo repertório estimula os participantes do passeio a refletirem sobre a morte constantemente, suscitando em decorrência certa apreensão. A começar com a caracterização fúnebre do ônibus, ornamentado com signos

representativos do horror e da morte, como velas, caveiras, flores, véus, morcegos e aranhas. A visita é conduzida por uma guia de turismo que enfatiza fatos decorrentes da antiga São Paulo, voltados para o contexto histórico, porém dentro de um espectro macabro. Os principais ícones desse gênero visitados são: o Cemitério da Consolação, o vale do Anhagabá, a casa de Yayá, Edifício Joelma, entre outros atrativos.

Dentre esses atrativos, a casa de Sebastiana de Mello Freire conhecida como Yayá, abriga atualmente o Centro de Preservação Cultural da USP. Yayá, de família emergente paulistana, acumulou durante a sua vida perdas relevantes como a de sua família, de uma forma trágica, sofrendo em consequência abalos em sua saúde. Sofrendo de surtos, foi considerada incapaz de gerir sua própria herança, repassada assim para a União. Condenada ao recluso ficou durante quarenta anos impossibilitada de conviver com a sociedade, falecendo em 1961. (CASA, 2008).

O Edifício Joelma que sofreu um incêndio em 1974 devido a um curto-circuito é outro atrativo que causa espanto. Por ser uma tragédia contemporânea, muitos visitantes se sensibilizam com a história que vitimou 174 pessoas.

Por meio desses atrativos macabros, o participante do circuito pode interagir com a história verdadeira de um período relevante da cidade de São Paulo, focado em um novo viés, despertando curiosidade e múltiplas percepções.

Os motivos que impulsionam o turista a se deslocar em busca de um atrativo macabro são diversos, dificultando o estabelecimento de parâmetros que definam um perfil adequado a esse recente nicho mercadológico.

Instaurar um novo segmento possibilita desvelar suas lacunas a fim de que se conheça um fragmento do setor de forma mais detalhada, auxiliando assim, no seu processo de implantação. A diluição das segmentações no universo turístico inviabiliza o seu conhecimento *in locus*, permitindo variadas percepções que possam levar a uma interpretação distorcida.

Na amplitude do segmento do turismo macabro encontram-se “muitos olhares” e diversidade de motivos, pois os atrativos se diferem em sua categorização, em seu poder de despertar emoção e até mesmo comoção. As razões que levam um turista a visitar o museu do holocausto ou o campo de concentração podem ser muito distintas dos motivos que impulsionam uma visita ao cemitério ou a um local de tragédia.

Krippendorf (2003, p.50) relata a dificuldade em classificar um turista padrão:

Não são exatamente essas contradições que revelam a verdadeira face do turismo. Um fragmento de múltiplas facetas da realidade humana e social. Cada turista guarda adormecido dentro de si um pouco de tudo isso. Às vezes um pouco mais, às vezes um pouco menos, de acordo com as formas de viagens ou os tipos de população. O próprio viajante é um ser complexo, por isso é difícil classificá-lo numa categoria bem definida.

Assim, o segmento do turismo de horror é um potencial a se desvelado nas cidades brasileiras como forma de atrair turistas que anseiam pelo exótico como forma de prazer.

Razões para criar um espaço dessa temática podem se basear em questões políticas que proporcionam um ambiente educacional ou a criação de um entretenimento para alavancar a economia de um lugar.

Considerações Finais

O turista remanescente do modernismo adquiriu novas possibilidades com o processo pós-industrial que promoveu benefícios antes inacessíveis a uma sociedade massificada, como direito às férias e aumento de salário que contribuíram para o surgimento de novas alternativas no consumo de produtos e serviços.

Dentro do universo turístico, o segmento macabro desponta como recente possibilidade para atrair números expressivos de visitantes ávidos em conhecer símbolos históricos, por exemplo, dentro de um contexto mórbido. Internacionalmente, crescem a oferta de atrativos, como campos de concentração, cemitérios, exposições sinistras e no Brasil, despontando de maneira ainda incipiente, encontram-se circuitos que exploram principalmente a atratividade dos cemitérios.

O segmento do turismo macabro ainda está à procura de uma identidade e de uma categorização. Pesquisando a literatura internacional, salientando-se que não há estudos nacionais significativos, percebe-se a vasta gama e o emaranhado de atrativos que recebem a denominação de macabros. Aliás, a dificuldade começa pela terminologia adotada para o segmento, desde o uso da expressão “*dark tourism*”, em inglês, passando pela denominação “turismo de aflição”, em Portugal, até os termos “sinistro”, “macabro” e “de horror”, que o designam no Brasil.

É essencial entender o segmento macabro para compreender as motivações que impulsionam os turistas, apreciadores desse nicho envolto em tantas possibilidades e categorias. Identificar as razões da procura por determinado segmento permite entender os meandros psicológicos e instaurar mecanismos que desenvolvam de uma melhor forma o nicho macabro, transformando-o em um produto capaz de atender as expectativas do turista, desenvolver a localidade que aloca o atrativo ou destino e encontrar recursos para a preservação do ambiental e patrimonial.

Por isso, o segmento do turismo macabro como qualquer outro segmento da atividade, requer um constante aprimoramento das bases teóricas por meio de pesquisas, visando a uma maior compreensão das suas categorias e implicações. Esse conhecimento permitirá desenvolver atividades mais próximas das necessidades do cliente.

Espera-se que o presente estudo possa ser o ponto de partida para despertar o interesse para novas pesquisas que permitam ao segmento do turismo macabro construir sua identidade e encontrar seu lugar dentro do universo do turismo e não ser por ele desconstruído.

Referências

CASA DE dona Yayá. Dossiê. Centro de Preservação Cultura, USP. Disponível em: <http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/dossie.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2008.

CEMITÉRIO de La Recoleta. Portal São Francisco. Disponível em: <<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/argentina/cemiterio-de-la-recoleta.php>>. Acesso em: 10 set. 2008.

CEMITÉRIO do Père Lachaise. Disponível em: <<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/franca/cemiterio-do-pere-lachaise.php>>. Acesso em: 4 nov. 2008.

DEZ, anos sem Diana. **Terra**, 29 ago. 2007. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI1866220-EI10320,00-Apos+dez+anos+diminui+interesse+por+Diana.html>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

FRANKE, Paulo. Israel. Disponível em: <http://paulofranke.blogspot.com/2006_08_01_archive.html>. Acesso em: 29 nov. 2008.

INTERATA, Arnaldo. O Ossuário de Sedlec Kutiná Hora - Rep. Tcheca. Disponível em: <<http://interata.squarespace.com/jornal-de-viagem/2006/6/20/o-ossurio-de-sedlec-kutn-hora-rep-tcheca.html>>. Acesso em: 4 nov. 2008.

'KATRINA tours' conquistam turistas em Nova Orleans. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/08/070827_katrinatours_bgpu.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2007.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001

LENNON, John; FOLEY, Malcom. **Dark tourism:** the attraction of death and disaster. London: Thomson, 2006.

MARTINS, Clerton. **Patrimônio cultural:** da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília. **Segmentação do mercado turístico:** estudos, produtos e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2009.

PIMENTA, Leticia. História e arte a céu aberto. Rio de Janeiro: **Revista Veja Rio**, 05 nov. 2008. Disponível em: <<http://vejabrasil.abril.com.br/rio-de-janeiro/editorial/m857/historia-e-arte-a-ceu-aberto>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

ROBINSON, N. ;DALE, C. Can I get a witness? an examination into the role of dark tourism to aid investigations into unsolved cold case murder files. The Dark Tourism Fórum. Disponível em: <<http://www.dark-tourismforum/the-dark-tourism-article.mht>>. Acesso em: 3 out. 2008.

ROJEK, C. Ways of seeing-modern transformations in leisure and travel. London: Macmillan, 1993.

SILVA, Simone Andréa Carvalho Da. Festa dos mortos para celebrar a vida. **Revista Planeta**, México, nov. 5. Disponível em: <http://www.terra.com.br/revistaplaneta/mat_398.htm>. Acesso em: 12 set. 2008.

STONE, Philip R. A dark tourism spectrum: towards a typology of death and macabre relates tourist sites, attractions and exhibitions. **Tourism**, v. 54, n. 2, p. 145-160, 2006.

ZONA DEVASTADA por furacão Katrina vira roteiro turístico em Nova Orleans. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u91182.shtml/>>. Acesso em: 10 nov. 2008.